

FERREIRA, Mayrla Andrade. Corporeidades Ananin: um estudo sobre os saberes e fazeres cotidianos na cidade de Ananindeua/PA. Ananindeua: Universidade Federal do Pará. Escola de Teatro e Dança da UFPA; Docente.

RESUMO: Este trabalho fala de caminhos e encontros de narradores ananindeuenses, detentores do saber local (GEERTZ, 1997), em suas invenções cotidianas que se situam na travessia de contatos partilhados entre a água, terra e mata. O mote inicial deste trajeto está na constituição da pesquisadora como habitante-criadora local (FERREIRA; SANTOS, 2016) junto a outras histórias de vida, as quais são matéria-prima articuladora para o reconhecimento de diferentes práticas de apropriação dos espaços-tempos (FERNANDES, 2006). O objetivo geral da pesquisa está no ato de investigar como as práticas cotidianas podem contar sobre as construções do sujeito na cidade de Ananindeua/PA, objetivo pertinente aos estudos do cotidiano que compreendem e enfatizam as práticas comuns desenvolvidas por “sujeitos anônimos do cotidiano” (CERTEAU, 2014). A singularidade do pensamento etnográfico realizado nesta pesquisa qualitativa, especialmente das trajetórias narradas no campo de estudo, veio da partilha sensível das percepções, do afeto, e da coleta sensorial nos documentos de processo (SALES, 2009), o estudo tem seu eixo de problematização nos *saberes-fazer* dos sujeitos ananin como prática cultural cotidiana.

Palavras-chave: Habitante-criadora; História de vida; Espaços-tempos; Prática cotidiana.

ABSTRACT: This work talks about ways and encounters of Ananindeua narrators, holders of local knowledge (Geertz, 1997), in their daily inventions that are located in the crossing of shared contacts between water, land and forest. The initial motto of this path is the constitution of the researcher as local inhabitant-creator (FERREIRA; SANTOS, 2016) along with other life stories, which are the raw material for articulating the recognition of different practices of appropriation of space-times (FERNANDES, 2006). The general objective of the research is to investigate how everyday practices can tell about the constructions of the subject in the city of Ananindeua / PA, an objective pertinent to everyday studies that understand and emphasize the common practices developed by "everyday subjects" (CERTEAU, 2014). The singularity of the ethnographic thought carried out in this qualitative research, especially the trajectories narrated in the field of study, came from the sensitive sharing of perceptions, affection, and sensorial collection in the process documents (SALES, 2009), the study has its axis of problematization in the know-how of the ananin subjects as everyday cultural practice.

Keywords: Inhabitant-creator; Life's history; Spaces-times; Everyday practice.

1. Entre Ilhas e Bairros: Caminhos da Pesquisa

Os caminhos percorridos na pesquisa nasceram da experiência cotidiana ananindeuense e apontaram instrumentais capazes de integrar os processos sociais vividos, articulando aprendizagens, sociabilidades, e envolvendo diferentes práticas de apropriação dos espaçotempos.

Foi observando, caminhando e convivendo com gente/tempo/lugar, que as ações e reflexões foram sendo apreendidas pela experiência em seus rios e ruas, florestas, práticas de cura e sobrevivência, trabalhos artesanais, economias solidárias, dentre tantas outras dinâmicas de resistência produzidas com a vida social cotidiana das ilhas e bairros.

O fluxo da experiência não nos permitiu estabelecer leis definitivas, mas caminhos ziguezagueantes, e entre eles os seus encontros com muitos sujeitos e suas maneiras de ser/estar/ver o mundo ananin, contribuindo com vários desdobramentos das ações e delimitações no foco das vozes deste estudo: os narradores do ananin.

Os narradores do Ananin lançaram fios de diversas camadas: uns me despertaram paisagens que vibraram os olhos e logo seguiram em águas correntes, e outros permaneceram vestidos com a pele das águas/terra/mata, permitindo serem vistos por sua carne e sua alma de fluxos entre esses saberes, entrelaçando ritmos onde a terra encontrava a sua liquidez barrosa.

Assim um caminho pulsante de relatos em rios de fluxo contínuo, espalhando sementes pela região insular e nos caminhos das matas, partilhando informações sobre os sujeitos que aqui se apresentam como: Habitantes-criadores: os diversos moradores da cidade de Ananindeua encontrados ao longo dos lugares de percurso da pesquisa, os Habitantes-professores: parceiros de maré, moradores da cidade de Ananindeua que integram a equipe docente da escola EMEFDF das ilhas Ananin, narram seus fazeres apreendidos entre o ensino-aprendizagem sistemático e o de sobrevivência local, e os Habitantes-ribeirinhos: crianças e adolescentes, com média de idade entre 5 a 13 anos, da EMEFDF, moradoras das diversas

comunidades que integram as ilhas de Ananindeua e conseguem frequentar a escola, nas turmas entre pré-ribeirinho ao ensino fundamental.

Os relatos e expressões são de fonte direta dos habitantes acima mencionados, e se multiplicam nos escritos como uma etnografia que não renuncia à dimensão estética e simbólica do sensível, mas busca entender o conjunto de significações que são transmitidos e desenvolvidos, na compreensão do homem ananin em sua realidade social.

Este estudo se reafirma, segundo Carmem de Mattos “na descrição densa sobre um grupo particular de pessoas e o significado das perspectivas imediatas que elas têm do que fazem.” (MATTOS, 2011, p. 54). Compreendido nos sentidos sensoriais da inspiração etnográfica, foram como registros impressos na pele, nos enraizamentos locais, nos ossos, nas imagens e no músculo da alma do Habitante ananin.

A coletas de dados sensorial e material, permitiram uma expressão mais real do campo vivenciado e leituras de atuação na cidade natural e social Ananin. O historiador e filósofo Michel de Certeau nos aproxima desses caminhos ao enfatizar “modos de fazer cotidiano” dos sujeitos locais, reconhecendo que nas práticas cotidianas dos homens comuns está a criatividade humana.

[...] passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses “reais cuja existência faz efetivamente a cidade”, mas “não tem nenhum receptáculo físico”. Elas não se localizam, mas são elas que especializam. (CERTEAU, 2014, p. 163).

Os passos dos habitantes Ananindeuenses efetivaram os espaços de abordagem destes escritos, tecendo relatos como redes de conhecimento, e experienciando os saberes e práticas ordinárias no desenho da paisagem ananin, uma “paisagem que é memória e palimpsesto” (CERTEAU, 2014, p. 35).

2. Trajetos e trajetórias ananin

A singularidade da etnografia realizada nesta pesquisa qualitativa, especialmente das trajetórias no campo de estudo, veio da partilha sensível de

um longo tempo como observadora participante, permanecendo no terreno e apreendendo percepções próprias, sensações e indagações sobre a cultura cotidiana ribeirinha da região insular Ananindeuense, buscando compreender os sentidos e significados que eles lhe atribuem, estabelecendo relações de proximidade, confiança e interação com os narradores e especialmente com as crianças.

No processo de imersão diária, minuciosa e prolongada foi sendo percebido o pertencimento nas ilhas. Inicialmente com o aceite informal através do diálogo com o sr. Aureliano (diretor da EMEFDF), que já me conhecia como artista da cidade pelas apresentações de dança nas ilhas, me permitiu frequentar a rotina da escola. O trajeto para a região insular compreendia o percurso de saída de casa, no bairro da cidade nova, até o porto do surdo, equivalente a 8 km, porém em dias de chuvas fortes os transportes terrestres só chegavam até a estrada do Curuçambá e a partir de lá, o caminho pela rua beira mar é feito a pé.

No ritmo destas pegadas foi possível conhecer professores que vinham dos diversos bairros da cidade e alguns alunos que moram na beira da estrada próxima ao porto, esse era o primeiro encontro do dia, que se estendia numa prosaica conversa no banco de madeira ou por vezes próximas ao trapiche aguardando o barco chegar. Porém foi nas idas e vindas nas estradas fluviais que aconteciam de segunda a sexta-feira e por vezes aos sábados em alguma atividade extra, que o movimento de afetações se imbricavam.

O barco saía do porto por volta das sete horas da manhã e retornava ao meio dia já para buscar o turno da tarde. Apesar da pesquisa ter se concentrado no turno da manhã, por diversas vezes fiquei pela tarde para acompanhar atividades, pelos diálogos informais, visitas em casas próximas a escola ou mesmo quando a lotação do barco estava no limite ficava para ir ao fim do dia.

No movimento do barco, a conversa entre os professores, os burburinhos e brincadeiras entre os pequenos passageiros que vão chegando a cada parada na ilha e ao entrar no barco observam e rapidamente sentam em

algum dos lados do banco. Para além de um ato voluntário, a escolha de onde sentar parece envolver um ato de reciprocidade, invenção, brincadeiras e também escuta.

A aproximação com a comunidade, professores e alunos no percurso fluvial, foi potencializadora de estratégias de criação no campo da EMEFDF, na verdade, desde o início já estava nele sem saber, pois o barco é espaço pedagógico de circulação de saberes e fazeres cotidianos ananin. Os olhos das crianças no barco desvelavam uma atitude de curiosidade diante desta nova habitante de percurso, para algumas já havia uma certa familiaridade de eventuais apresentações artísticas em suas comunidades, porém agora se fazia presente todos os dias.

Após os três meses de observações iniciais e de interações no campo lancei mão do primeiro registro fotográfico através de um aparelho celular, mais tarde comecei a utilizar a máquina fotográfica pequena e depois outras maiores, logo depois a surpresa, fui abordada no espaço do refeitório por um grupo de crianças que gostariam de ter máquinas como aquelas, para ter o mesmo fazer que eu, porque estavam achando muito divertida a “brincadeira de bater foto”.

Não hesitei e entreguei tudo o que tinha na mochila: três pequenas máquinas e duas semiprofissionais e logo depois também o celular pessoal, quando outras crianças também já vinham perguntado se tinha outras câmeras, se podia pegar com o colega, se na volta do barco já deixaria guardado para ela, se ia emprestar no outro dia e se eu iria brincar de novo, no dia seguinte, de “bater foto”.

Com os equipamentos da pesquisa entregues nas mãos das crianças, o olhar da Ananindeua ribeirinha passava a ser a partir dos seus próprios habitantes. Entramos num acordo que ficou estabelecido o uso das câmeras quando eles estivessem no barco, indo ou voltando da escola, e durante os momentos livres fora da sala de aula. Este primeiro acordo durou um mês porque tivemos um impasse para resolver: as máquinas não eram suficientes para o tempo que tinham livre e os que pegavam primeiro dominavam, ou não

queriam emprestar ou só deixavam os amigos bem próximo usarem. Entramos num segundo acordo que o empréstimo das máquinas iria ficar cada dia com os alunos de uma determinada turma, mesmo ainda com alguns poucos conflitos essa alternativa vigorou durante os quase três últimos meses em campo.

O processo permitiu que as crianças se olhassem e revissem suas paisagens por meio de situações outras por elas vividas. Kramer (2002) define a fotografia como um objeto de cultura intermediado tanto pelo fotógrafo quanto pelo equipamento e quando revelada, pode ser observada várias vezes, em vários momentos, possibilitando muitas interpretações, pois uma mesma fotografia transforma-se a cada olhar. Esta experiência fenomenológica do olhar como parte do processo de construção antropológica de quem está no fazer científico teve importância direta nas interações de campo.

Vale ressaltar que em nenhum momento me utilizei de uma técnica de ensino para o uso das máquinas, todas as desbravações tecnológicas partiram das próprias crianças, que do seu jeito narraram seus interesses e práticas culturais por meio das fotografias, e que neste estudo passaram a ser utilizadas “[...] como fonte de registro factual de informações (residuais) de trato sociológico (e antropológico) sobre a realidade social.” (MARTINS, 2009, p. 9).

Os poemas e desenhos registrados em diários de bordo, também instrumentos metodológicos, descobertos no processo do campo, representavam e significavam possibilidades de expressões de falas, gestos, formas de se relacionar com os espaços e os seus sujeitos, são também maneiras de desvelar desejos de um universo ananin, para além do período de encontro efetivo, mas também ações que permaneciam como fluxo de instrumentos sensíveis.

[...] o diário de bordo traduz a experiência pré-reflexiva da pesquisa, e que podemos chama-lo de “ferramenta fenomenológica”. Pode-se compará-lo a um pano de fundo, o subtexto do próprio encenador, a explicação da sua poéisis – e esse pode ser seu valor maior. (MACHADO, 2002)

Nesse percurso de conexões, que vai ao encontro das subjetividades dos sujeitos e a nossa própria, os relatos dos habitantes Ananindeuenses

apresentam-se como uma escrita de fazer-se existir com sentido de verdade, por meio de entrevistas informais e formais, ocorridas geralmente no barco, na grama, na rua, no trapiche, caminhando no campo, na sala, no refeitório, debaixo das árvores e em todos os espaços que sempre estabeleciam um significado cultural e social da investigação. Como nas palavras de Henri Lefebvre ao afirmar que o cotidiano é o próprio modo como se organiza a existência social, pois

[...] as relações sociais inerentes a uma sociedade se mantêm. Elas são produzidas num movimento complexo [...] Esse movimento não se desenvolve nas altas esferas da sociedade: o Estado, a ciência, a “cultura”. É na vida cotidiana que se situa o núcleo racional, o centro real das práxis (LEFÉBVRE, 1991, p. 37-38).

No movimento de relações em que homem é natureza, foi possível efetivar na *práxis* teórica/metodológica, conferindo ao percurso estudado um *ethos* próximo ao ritmo de vida dos Ananindeuenses. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral, estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete (GEERTZ, 1985, p.143).

O trajeto de estudos foi se constituindo um *ethos* amazônico, que é a própria fonte de relações do ananin, com a natureza e consigo mesmo. Para tal, a pesquisa qualitativa participante realizada, me permitiu escutar vozes, compreender pensamentos, expressividades gestuais e faciais e especialmente relatos locais.

De modo diferente da pesquisa quantitativa, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação e são, portanto, documentadas em diários de pesquisa ou em protocolos de contexto (FLICK, 2009, p. 25).

Como parte do processo de pesquisa, os escritos do diário de bordo foram desenvolvidos ao longo de toda a imersão na pesquisa, sem hora nem lugar ou tempo pré-determinado, ele acompanhava o ritmo da poiesis cotidiana,

ele foi sendo tecido no trapiche, na rua, na mata, no intervalo do trabalho, no processo criativo de uma aula de dança. Em fluxo contínuo ele jorrava vida.

Os percursos da escrita no campo foram espaços em movimento, especialmente a partir da partilha de cada dia, na tessitura dos caminhos, e seus trajetos deixaram-se ver à medida que percebia os saberes locais, seus territórios poéticos e seus relatos com seus modos de ser e estar no mundo.

Os relatos convidavam a escutar as experiências dos bairros e ilhas, que provocaram estranhamentos, aproximações, distanciamentos, afetos e lacunas entre as palavras e gestos, tanto dos habitantes ribeirinhos quanto dos urbanos. Diluíam-se diariamente as barreiras de comunicação entre observador e observado, permitindo captar o acesso ao significado manifesto de modo mais concreto, particular e especialmente sensorial. Os diálogos, em sua maioria, eram impulsionados por ideias e sentimentos coletivos.

Nesses relatos também considerados nos diários de campo, as poesias inspiradas nos espaços de encontro na grama, na terra ou no rio, uma figurinha ou flor de presente, papel de carta ou balinha, desenhos de caderno e feitura de papel, todos aqui considerados como documentos de processo.

Os documentos de processo dessa pesquisa foram encontros no espaço e tempo de tantos saberes, valores sociais, habitantes, caminhantes e travessias em barcos e ruelas realizadas, resistências, estratégias e lutas que organizam ações e delimitam um campo de valores pessoais diante de peculiaridades e maneiras de caminhar do seu próprio habitar.

Processualmente os documentos imergiram na experiência de cada instante singular, desdobrando-se em encontros escritos, dançados, narrados, vividos e conseqüentemente desenhados, poetizados em registros fotográficos que se eternizam em ações gestualizadas e na memória/esquecimento no espaço/tempo. Esses documentos de processo se inserem na proposta de uma construção de pesquisa local e de percursos específicos

Estes elementos-fonte traçam o delineamento discursivo nos espaços vividos, com o enfoque na experiência de si, uma narrativa vivida pelo

imaginário local e bem presentes no cotidiano dos habitantes, sejam eles: os artistas da cidade, as crianças ribeirinhas, os barqueiros, os professores e alunos da escola das ilhas, cada paisagem narrada tem significados de suas heranças culturais e meios sociais Ananin.

Entre
o eterno e o cotidiano,
entre
espaços de intervenção
tempo da narrativa
peso da memória
no aqui e agora
fluidos em fluxos
entre
rios e redes
terra e mata
vozes verdes
paisagens do olhar
de quem vê
nos múltiplos sentidos do movimento,
na criação de conceitos mais que definição,
na experiência cotidiana,
cohabitções de corpo/cidade/homem,
que já estão ali,
e porque estão ali
permitem-se
a consistência
torna-se
potente,
seus modos de vida dão lugar a cultura,
uma categoria que só tem sentido na sua totalidade
esplendidamente refletida
no espelho da natureza humana Ananin. (Diário de bordo da
pesquisadora, 2015).

Os documentos de processo produzidos pelos narradores do Ananin são parte do material que apresento em testemunhos de reflexões, indagações e emoções que ao longo desta travessia andante e navegável constituíram-se como registros tradutórios de um movimento em fluxo contínuo. Conforme explicitado por Cecília Salles:

Nos documentos de processo são encontrados resíduos de diversas linguagens. Os artistas não fazem seus registros, necessariamente, na linguagem na qual a obra se concretizará. Ao acompanhar diferentes processos, observa-se na intimidade da criação um contínuo movimento tradutório. Trata-se, portanto, de um movimento de tradução intersemiótica, que, aqui, significa conversões, ocorridas ao longo do percurso criador, de uma linguagem para outra: percepção visual se transforma em palavras; palavras surgem como diagramas para depois voltarem a ser palavras, por exemplo. (SALLES, 2009, p. 119).

Os registros percorridos como caminhos em movimento seguiram um diário de viagem de “escuta e registro” metodologicamente tecidos em encontros com os sujeitos, considerando a própria vivência advinda da experiência como propôs Jorge Larossa-Bondía ao referir-se a experiência como sendo o que nos passa, ou nos acontece, ou nos toca, como afirma o autor:

Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. (LAROSSA-BONDÍA, 2002, p. 21).

Consideramos que é a corporeidade do ananindeuense que se faz presente, na construção diária dos caminhos das águas/terra/mata, e assim todas as atividades são realizadas e visíveis no cotidiano da cidade. Para Aragão (2004), a corporeidade é um conceito e um fenômeno. Conceito porque traduz epistemologicamente o sujeito histórico e fenômeno porque caracteriza a ação humana no seu contexto social. O habitante ananin constrói-se na relação com o meio em que vive, envolvido em suas dimensões humanas, tanto nos aspectos de maturação (biológico) como de socialização (cultura) constituindo um *corpoananin* social, política, emocional, biológica e cultural.

É neste sentido de corporeidade que a pesquisa caminha, ao se reconhecer em uma estrutura existencial comum entre ilhas e bairros, como o rio em ruas, cheio de dobras e curvas que se desvelam diariamente, indo ao encontro dos rastros de recordações mediados por imagens, músicas, vozes em um jogo complexo entre tempos, espaços e ritmos comuns daqueles espaços.

3. O ritmo de vida ananin

Os modos de fazer ananin, organizavam seus ritmos e influenciavam as maneiras de interações sociais entre si, especialmente a partir da vivência desses saberes, construídos no cotidiano pela experiência dos narradores do Ananin e suas maneiras gestuais, na culinária, no vocabulário, no imaginário, na medicina popular, na religiosidade, na música, na dança, na fauna, na flora

e nos traços mais subjetivos que representam o habitante da cidade de Ananindeua.

O ritmo de vida ananin é um desses traços mais subjetivos da cultura local, que será discorrido com mais atenção a partir da terceira sessão da tese, mas especificamente no caminho das águas. Usando como instrumento de reflexão a chamada *ritmanálise*, trabalhada por Gaston Bachelard (1936) na obra a dialética da duração, considerando a análise do ritmo não apenas uma questão estética, mas engajadas nas relações existenciais com o tempo, e mais tarde, a ritmanálise foi desenvolvida por Henri Lefebvre (1992) com o enfoque do tempo no espaço e as necessidades de refletir a sua relação com o corpóreo, o ruído, ao sensível e concreto.

Considerando a experiência do espaço de campo, a análise do ritmo atinge seu valor prático, na compreensão das alterações no cotidiano próprio da região estudada, a exemplo do tempo da maré que determina nos horários, nos transportes, no dia e na noite, bem como o período de eventos nas ilhas e as estações que transformam a fração do dia do ribeirinho. O conhecimento do ritmo da natureza influenciava diretamente no percurso do barco escolar, que durava entre quarenta e cinco minutos a uma hora e quinze minutos dependendo das condições climáticas e logísticas do transporte.

O instrumento da imagem, como expressão de um processo de pesquisa em campo, auxiliou a observação e compreensão de ideias, com seu conteúdo estético, polissêmico e sobretudo de comunicação cultural e social. As imagens estão presentes o tempo todo no dia-a-dia e as diferentes maneiras de expressa-la tornam-se nossas narrativas do mundo.

As imagens geradoras que fazem parte do percurso criador, funcionam, na verdade, como sensações alimentadoras das trajetórias, pois são responsáveis pela manutenção do andamento do processo e, conseqüentemente, pelo crescimento da obra. O artista mantém-se, ao longo do percurso, ligado de forma sensível ao mundo a seu redor. (SALLES, 2009, p. 60).

Os registros imagéticos se desdobraram em fotografias e desenhos “que pensam”, na medida em que as ideias que nela veiculavam conseguiam nascer dentro de mim. “[...] são ideais que somente se tornaram possíveis porque ela,

a imagem, participa de histórias e de memórias que a precedem, das quais se alimenta antes de renascer um dia.” (SAMAIN, 2012, p. 33).

A familiaridade na reidentificação das imagens dos habitantes-criadores (moradores das ilhas), dos habitantes-professores (companheiros de maré) e habitantes-ribeirinhos-crianças da escola (amigos de turma) entre outros narradores do Ananin, atuaram como produtores de conhecimento e inventores de instrumentos metodológicos desses escritos, e que advinham do ritmo de vida dos espaços e temporalidades da região insular.

Por meio dos relatos cotidianos dos Ananins acima descritos, foi possível refletir sobre a relevância profunda dos fatos observados e na compreensão de diversos aspectos da vida social, pois os relatos sempre imbricados de elementos de mediação entre subjetividade e cultura.

Foi justamente nas narrativas que as categorias da cultura e a sociabilidade foram identificadas como centrais neste estudo e através delas o aprofundamento das reflexões nas vivências e experiências das práticas cotidianas.

Ao considerar a cultura, conforme Geertz (1989), como uma teia de significados construída pelos próprios homens, que é tanto reprodução quanto criação de sentidos, esta teia foi aqui formada por narrativas que adquiriram uma vida própria, um exercício livre de todos conteúdos materiais do coletivo, considerado por Simmel (2006) ser esse o fenômeno da sociabilidade.

Tal apreensão e expressão das categorias da cultura e da sociabilidade invocaram formas de relação interativa dos grupos de habitantes (criadores, professores, crianças ribeirinhas), essas formas e fazeres cotidianos são identificados como: táticas de resistência e estratégias de sobrevivência de todos que atuam, de alguma maneira, como narradores do Ananin.

Esta tese é uma invenção em rede, tecida por grupos vivos, e nesse sentido está em permanente avanço, aberta por “homens ordinários” de Certeau, que dão inventividade, e por meio deles se fez pesquisa como movimento, criando situações, escutando relatos, incorporando contextos, ativando dimensões múltiplas da cidade e da arte. Como afirma Certeau “[...] os

relatos cotidianos contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer, são feitura de espaço” (CERTEAU, 2014, p. 189).

4. Considerações

Nesta partilha de movimentos regulares e irregulares, retilíneos e sinuosos, a apresentação de um terreno habitado há muito tempo, é sempre uma oportunidade para se desvelar trajetórias humanas, em sua maioria anônima, mas bem presentes nas memórias cotidianas da vida, como um coro de vozes que nos atravessam e se desvelam em suas singularidades na apresentação deste campo de pesquisa da região norte da Amazônia.

Caracterizar o campo é como construir um ambiente de “encorpção implicada”, isto é, não se trata apenas de descrever o lugar estudado, sua demarcação territorial ou distribuição geográfica mas, as atividades próprias de trocas com o ambiente do qual um dia escutava familiares relatando e depois como criadora de processos adaptativos deste lugar, como estímulos que chegam ao corpo e nele se transformam.

Um movimento ao encontro de caminhos para o reconhecimento do corpo próprio e de realização gradual e contínua das possibilidades de Pro-Vocações, Re-Voltas e Re-Invenções de nossas histórias. E a vida cotidiana não está “fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico “é a verdadeira “essência” da substância social” (HELLER, 2008, p. 38).

Logo, ao descrever de que substancias socioculturais os narradores do Ananin são constituídos, a cultura e a sociabilidade sobressaltam como categorias reflexivas diante dos pontos mais fundamentais neste percurso, estabelecendo comunicações dos relacionamentos e promovendo reconhecimentos e assimetrias dentro/fora do campo pesquisado junto a vida cotidiana no mundo contemporâneo.

Os caminhos conversam e o local apesar de suas singularidades torna-se semelhante a ambientes outros, essa familiarização é um operador de aprendizagens e tem relevância para a construção de uma perspectiva de sociedade. Numa experiência na sociedade nortista de natureza amazônica

paraense que vem buscando uma coexistência afetivizada onde o conhecimento racional também se vale da sensibilidade e da imaginação.

Nas práticas e saberes que existem e resistem aos Ananindeuenses, um dar e receber contínuo que estabelece as correlações (in)comuns dos Narradores do Ananin que vivem entre os caminhos da terra e as margens dos rios. Penetrar nas águas ananin, significa para o habitante entrar num corpo, a água toma o significado de corpo, gerando desta forma o corpoananin/água com seus símbolos que separam e reúnem, evocam uma cidade que foi dividida e que se pode reagrupar.

As sociabilidades ribeirinhas evocam seu rio próprio de existir, em seus modos de vida e de produção entrelaçados. No convívio entre horas de histórias e milhares de segredos n'água foi possível compreender que o maior aspecto da sociabilidade insular está no trajeto de sua ocupação de território, fato este descoberto por todas as comunidades terem relação de parentesco, os membros familiares constituem o grupo doméstico de cada ilha, inclusive sempre o representante legal de cada ilha é o patriarca mais antigo de todas as comunidades que a compõe.

Os objetos e locais criados em cada ilha, pelas comunidades que a compõem, agem como mediadores das relações de pertencimento, mesmo sem um ordenamento linear, é possível compreender a importância social e afetiva direcionada, á exemplo: A entrada da comunidade do cajueiro é possível ver a igreja de segmento cristã evangélica, já na ilha de São Pedro vemos uma capela católica, já na entrada da comunidade de nova esperança há um grande campo de futebol e ao lado um bar/restaurante aberto para almoço dos que transitam na região, na ilha de João Pilatos uma grande trilha da cabeceira com um fauna e flora bem marcante.

Constata-se que os grupos domésticos coabitam as mesmas alianças de sua comunidade, e o local de trabalho coincide com a vida cotidiana em suas práticas e saberes. Trata-se de uma diversidade socioespacial que provoca experiências ambientais, socioeducativas de diferentes imaginários e complexidades locais.

O corpoanenin/água foi encontro do alimento nas relações, como um estado interior do corpo, como a seiva de uma planta, como a troca constante de líquidos interno/externo das corporeidades ribeirinhas.

No caminho onde a água encontra a terra, encontrei a pesquisa em sua própria sociedade, identificando-me totalmente com o grupo do campo vivenciado, sendo possível ser conduzida nas experiências sem ser reconhecida como observadora, mas habitante local. O que se tornou um grande desafio em estabelecer relações sociais profundas com outros narradores do ananin e, ao mesmo tempo, conseguir certa medida de distância, equilibrando as vantagens ganhas entre ser de “dentro” e olhar a sociedade “de fora”.

O transporte no trajeto escolar sempre era um processo resultante de um engajamento coletivo, pois uma rede de relações é ativada para que os alunos não percam muitas aulas, barqueiros locais geralmente pais de alunos junto a professores sempre encontram alternativas para garantir o atravessamento dos alunos para a EMEFDF. Todos adultos ajudam a encostar o barco próximo da comunidade da ilha, ajudam as crianças entrarem no barco, professores vão no casco ou em pé para deixar os alunos sentarem nos dois únicos bancos corridos dentro do barco.

As adversidades são de diversas ordens, além dos fenômenos climáticos, especialmente quando no transbordamento da maré as ruas se nivelam aos rios e as águas ganham os bairros, há também as condições logísticas como: a liberação do uso do motor da única lancha capaz de atender todos os alunos da EMEFDF, que otimizaria o tempo gasto por um barco, porém em todo o período que estive em campo na pesquisa realizada, não foi concertado e não cheguei a vivenciar o trajeto em outro transporte.

Mesmo diante das mazelas apresentadas as crianças ao entrarem no barco, estabeleciam uma outra prática de atenção que seguiam ao longo de todo percurso. No espaço de convivência do barco, onde os bancos são um frente ao outro em forma de corredor, os olhares a todos são inevitáveis. Entram, reconhecem o barqueiro, que geralmente tem um grau de parentesco, sentam ao lado dos colegas, olhas para seus professores e a nova integrante,

se ambientam, riem, brincam, se estranham, familiarizam todos sobre suas preferencias e gestuais, fazem deveres de casa, desenhos, barcos de papel e contam muitas histórias.

Esses atos socializados no barco construíram um processo de afetividade e abertura para aceitação da habitante e da pesquisa, pois passávamos juntos mais de uma hora no mesmo espaço, um corredor pequeno, frente a frente. Ali foi construído uma aprendizagem pela corporeidade, um corpoanin/barco.

Entre as táticas e astúcias no barco escolar, percebia que os papéis entre meninas e meninos ribeirinhos ainda seguem um padrão similar as demais regiões da cidade. Nos diálogos as meninas contam que cuidam da casa, dos irmãos e brincam com as panelinhas, atividades ligadas diretamente a casa, e por conseguinte os meninos ribeirinhos ajudam os pais no roçado, na pesca, na caça a camarões e peixes e ainda especialmente na colheita de açai.

Apesar dos papéis estruturantes da vida cotidiana, as crianças no ambiente escolar sempre socializaram suas habilidades, como na fila das refeições, nas brincadeiras de pega-pega, e em especial no interesse do uso das maquinas fotográficas que elas descobriram e solicitaram o manuseio no período que a pesquisa se desenvolvia diariamente na EMEFDF.

A partir do uso da fotografia pelos habitantes da EMEFDF, os diálogos imagem/corpo/texto, me habilitaram a olhar o caminho das águas e seus códigos através dos olhos das crianças ribeirinhas inseridas na escola, dialogando e convivendo a partir de suas próprias premissas. Esse foi um dos momentos de metamorfose da pesquisa, os registros passaram a ser realizados pelas mãos/olhos dos sujeitos pesquisados.

Tal atitude possibilitou compreender o tecido de suas relações, as imagens que recebia ao fim do dia eram deflagradoras de uma potência de si/nós de representações autobiográficas ananin de homens comuns ordinários na escrita da vida, no aqui e agora da cotidianidade.

O corpoanenin/barco foi o encontro da morada líquida, das expressividades do movimento cotidiano que por vezes independem da música tocada, do cuidar da alma fluida de criança e das corporeidades que produzem significados como modos de vida ativo nas relações sociais.

Neste caminho da escola ribeirinha: dos saberes água/terra/mata ficou latente as necessidades e possibilidade de luta no trato com o sujeito e pedagogias ribeirinhas, que passam por concepções de cultura e outras corporeidades. Trata-se de repensar e propor mais ações na escola por meio de sua cultura. A água, terra e mata atuam juntas num processo de trocas simbólicas de constituição das subjetividades ananins.

Os espaços interno/externo de atuação na escola, as vezes tenso e desigual de perspectivas na educação que desejaríamos alcançar, reafirmam a lógica de valores da cultura da mata e do campo. O local da cultura/educação ananin é o de sabedoria do povo, em sua auto-capacidade de “curar-se” das mazelas sociais, reinventando aprendizagens e conhecimentos outros, por vezes mais vistos pelos olhos do estrangeiro do que do próprio habitante local.

No cenário escolar testemunhei a capacidade solidaria e recriadora dos espaçotempos em desdobramentos, com a clareza nas soluções práticas do que poderia vir a ser uma problemática caótica, mas para eles se configurava em mais uma atitude cotidiana insular para lembrar de quem somos. O presente pode até está dado, mas se reinventa nas travessias

No processo de encontro, dos saberes e práticas, as corporeidades ananins se desvelavam, apreendendo texturas internas pelas convivências partilhadas com homens e mulheres que resistem para fazer valer seus modos de conduzir a vida, seus saberes cotidianos e ordinários circulam a floresta, as águas e terras da cidade. Leio esses encontros no sentido do presente, renovando-se, em redes de trocas necessárias a sua/nossa existência física, espiritual e de várias naturezas.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: volume 1: artes de fazer. 21. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento**: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas. São Paulo: Annablume, 2006.

FERREIRA, Mayrla Andrade; SANTOS, Lindemberg Monteiro dos (Org.). **Habitante-criadore**: processos criativos da Ribalta companhia de dança. São Paulo: Fonte editorial, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1985.

GEERTZ, Clifford. **O saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, n. 116, p. 41-59, jul. 2002.

LARROSA-BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: jul. 2017.

LEFÉBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEFÉBVRE, Henri. **Éléments de rythmanalyse**. Paris: Syllepse, 1992.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de. **Etnografia e educação**: conceitos e usos. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-84.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado**: processo de criação artística. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

SAMAIN, E. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Unicamp, 2012.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.